

Artistas de Nandimba

Escapar à "morte" produzindo para a prosperidade

Dom.
14/1/87

Por Albano Naroromele (texto) e Arquivo (fotos)

— Agora não interessa que nos comprem ou não as peças de escultura. Continuamos a trabalhar porque o costume não se deita fora como camisa rota. — *Palavras de Leonardo Mário, artista de escultura makonde e presidente da Cooperativa de Nandimba, que se dedica a este ramo da arte moçambicana, no distrito de Mueda. Ditas por um camponês podem parecer simples, mas elas significam*

Matias Ntundu, Mestre da arte makonde e fundador da Cooperativa de Escultores de Nandimba, confessa que, das vezes em que esteve em Maputo, invejou os artistas aqui radicados por uma única razão: — *Eles conseguem viver só da arte, sem fazer mais nada.*

O Mestre considera o fenómeno como natural, «porque em Maputo não faltam pessoas que compram com dinheiro e muitos produtos». No campo, o sonho legítimo de um artista de viver só da arte é uma utopia violenta.

— *Ainda bem* — dizia, com ironia escancarada, um outro Mestre de escultura da mesma Cooperativa, Teodósio Mapunju. — *Assim, nenhum de nós consegue armar-se em outra coisa senão ser camponês, uma espécie de pessoas que não sabe nada.*

Mas utopia violenta porque? Porque há artistas consagrados no campo capazes de viver só da arte. Simplesmente, ninguém lhes compra as obras. Exceptuam-se os casos em que alguns oportunistas aproveitam-se ora da tendência para a baixa qualidade das peças (o que é verdade nos últimos tempos), ora do alegado carácter artesanal das obras de arte rural, ou ainda da superprodução como consequên-

cia da falta de escoamento, de tudo isso e mais alguma coisa para fazer a sangria do produto dos artistas a seu bel-prazer. Isto é, roubando-lhes às vezes.

— *Um dia quero saber porque é que as pessoas não sentem que nós sabemos que nos roubam — é outra vez Teodósio Mapunju quem questiona, com a sua ironia percursora.*

Numa situação destas, o que é que anima os escultores de pau-preto, expressão reconhecidamente de vanguarda da arte moçambicana, a continuar a produzir? O presidente da Cooperativa de Nandimba, Leonardo Mário, responde: — *Agora não interessa que nos comprem ou não as peças. Continuaremos a produzir porque o costume não se deita fora como camisa rota.*

A sublimidade destas palavras apenas é localizável no âmbito de uma experiência de vários anos de crise desde 1978, altura da fundação da Cooperativa, sendo agora reforçada com a realidade de que a situação não vai melhorar tão cedo como seria de desejar.

COOPERATIVA HISTÓRICA

Matias Ntundu fundou a Cooperativa de Nandimba, jun-

que os artistas daquela colectividade chegaram a conclusão de que só não morreram porque compreenderam ser a História, e não os comerciantes, o seu maior cliente: hoje, praticamente abandonados, eles produzem para a prosperidade. Assim lhes ensinou a experiência de vários anos de crise desde 1966, altura da fundação da Cooperativa.

tamente com o Mestre Sumail Mponja, em 1966, em plena guerra de libertação nacional. A ideia foi da Frente de Libertação de Moçambique que, através de Lázaro Nkavandame (na altura Secretário Provincial), mobilizou os artistas para trabalharem em conjunto.



O Mestre Ntundu, fundador da Cooperativa de Nandimba, durante mostra venda, em 1985, de Artesanato e artes plásticas de Moçambique em Berlim. Para quando fica uma próxima oportunidade de afirmação?

No princípio parecia tudo correr bem. As obras produzidas colectivamente eram vendidas na Tanzânia em troca de «muito dinheiro e roupa» para os cooperativistas, os seus familiares até restava vestuário para vender a população em geral. Durante um ano, os cooperativistas vendiam duas vezes a sua produção na Tanzânia.

— *Veio depois a primeira crise* — conta o Mestre Ntundu: — *Nkavandame fugiu com muito dinheiro não só da nossa cooperativa mas também de muitas outras. Só depois disso é que compreendemos que afinal ganhávamos muito mais do que ele nos dava.*

Os cooperativistas não estavam informados sobre os mecanismos de comercialização das suas peças, uma vez que, caso tivessem conhecimento, isso poderia corar as intenções e tapar os furos de lucro de Nkavandame. A fuga deste desorientou os escultores que por pouco não se dispersaram desanimados.

— *Foi o camarada Pachinuapa quem nos salvou* — adianta o fundador da Cooperativa. — *Rapidamente, a situação mudou.*

Registada desta forma resumida no papel, a história da Cooperativa de Nandimba parece breve. No entanto, é preciso ver que entre a fuga de Nkavandame

e a reorganização da colectividade «tinha passado muito tempo», segundo um dos membros veteranos.

A fase seguinte da vida da Cooperativa coincidiu com a Independência Nacional, altura em que as obras começaram a ser vendidas à Sagal, companhia algodoeira, o que era tradição antes do início da Luta Armada. Da floresta regressaram 60 membros da Cooperativa.

No entanto, actualmente, um grande número dos 70 membros existentes aderiram à Cooperativa depois da Independência, dado que muitos veteranos morreram e outros mudaram-se para outras províncias. Está lá também um número considerável de jovens, ainda não membros, a aprender a escultura.

NOVA CRISE

As relações da Cooperativa com a Sagal não foram duradouras: — *Recebemos uma parte de dinheiro, mas ainda havia muitas peças que não tinham*

sido pagas — conta o Mestre Ntundu. — *A nossa sorte foi termos enviado as obras à Sagal uma única vez.*

A Cooperativa parou entre 1975 a 1979. Neste ano «o camarada Pachinuapa conversou com Matias Ntundu para a reorganização da Cooperativa. Os cooperativistas ganharam nova esperança e esta chegou a provocar euforia no seio deles quando, em finais de 1980, foi criada em Pemba a Galeria N'chetuane, para o escoamento e a comercialização de escultura em Cabo Delgado.

Só que o sentimento de alegria dos escultores depressa se transformou em frustração: a Galeria de Pemba comprou apenas três vezes as esculturas de Nandimba. Imediatamente impôs-se a realidade de que a Galeria não dispunha de transporte para percorrer as distâncias e vencer as difíceis vias de acesso.

O problema maior, no entanto, era que a N'chetuane não tinha capacidade financeira para pagar os artistas, de quem começou, depois introduzidas, na província, metas de produção (como se faz em relação à mandioca ou milho), levar indiscriminadamente as obras para Pemba a título de crédito.

O resultado da definição de metas para as cooperativas de escultura e da «boa vontade» da N'chetuane no escoamento do produto dos escultores, foi não só uma dívida astronómica da Galeria para com os artistas, que chegou a atingir largos milhões de meticais, como também a presença em Pemba de quantidades incalculáveis de peças sem comprador.

Actualmente, os artistas não permitem o levantamento das peças sem pagamento imediato. Desde que os escultores tomaram esta decisão a Galeria N'chetuane comprou uma única vez a escultura da Cooperativa de Nandimba, segundo revelaram os seus membros. Além dessa compra, os artistas não se lembram de qualquer outra, a não ser uma mercadoria de 300 contos levantada o ano passado pelo proprietário do «Paraíso Africanos» em Maputo.

— *Praticamente* — segundo o presidente da Cooperativa — *desde 1984 não há escoamento. Nós temos neste momento 400 obras de escultura a aguardar compradores. Podiam ser mais, mas aqui a produção baixou.*

E baixou porque os cooperativistas assim o decidiram. Segundo o Mestre Ntundu, o mesmo deve-se passar nas aldeias de Mbonge, Sagalanga, Idovo, Muila e Lutete, onde «há muita produção que não é escoada».

Mesmo assim, «a arte não pode morrer, porque quem não compra são as pessoas, mas o País necessita das nossas obras — pondera Matias Ntundu, que acrescenta em jeito de proposta: — *Estamos sozinhos. O Governo devia olhar melhor os artistas do campo, entregar-lhes dinheiro para comprar material. A aldeia pode ser desenvolvida, moderna, por causa de artistas. Eu penso assim.*



Em 1986, o falecido Presidente Samora Machel ofereceu material de trabalho a três Mestres da arte makonde. É pensando em gestos idênticos que o Mestre Ntundu afirma que o Governo devia olhar melhor para os artistas do campo.